



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A edição crítica das obras de João Penha (1839-1919): um monumento mais perene do que o bronze

Profª. Drª. Elsa Pereira

Doutora em Literaturas e Culturas Românicas, Especialidade de Literatura Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal)

Bolsista de Pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (Faculdade de Letras, Universidade do Porto-Portugal)

Investigadora integrada no Centro de Linguística (Universidade de Lisboa-Portugal)

E-mail: epereira@net.sapo.pt

Resumo: Este artigo procura apresentar, em breves linhas, a tese de doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas, que defendemos em maio de 2013, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). No essencial, o trabalho passou por editar as obras completas de João Penha (1839-1919), figura de proa na literatura portuguesa da viragem do século. Seguindo um modelo crítico-genético, a edição procurou integrar em si mesma vários níveis de documentação com interesse para o contexto compositivo de cada texto, enriquecendo paralelamente a nossa visão sobre a globalidade mais lata da conjuntura finissecular.

Palavras-chave: Edição. Crítica. Genética. Poesia. Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Apresentado em 2013 à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), para obtenção do grau de Doutora em Literaturas e Culturas Românicas – Especialidade de Literatura Portuguesa, o trabalho que desenvolvemos ao longo de cinco anos, sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Topa, permitiu disponibilizar a edição crítica das obras completas de um dos principais autores da literatura portuguesa finissecular: o poeta João Penha de Oliveira Fortuna (1839-1919).

Tratando-se de um doutoramento – e mais ainda na área da crítica textual – o início dos trabalhos partiu da inevitável pergunta que Martin West aconselhava todos os editores a fazerem, antes de avançar com um projeto: será que a nossa edição é realmente necessária?¹ A resposta, neste caso, poderia ser dada a vários níveis, nomeadamente em termos patrimoniais e estéticos, na medida em que, apesar do estatuto de proa que ocupou na literatura portuguesa, João Penha foi sendo votado a um injusto esquecimento por parte do público e da crítica, que raramente se interessou pelos seus livros, e menos ainda pelas composições dispersas e inéditas.² No máximo, o nome do poeta vinha sendo reconhecido pela importância d’ *A Folha*, que dirigiu em Coimbra entre 1868 e 1873, e ficou conhecida, na história da Literatura Portuguesa, como o *microcosmo literário* de uma geração eclética, que logrou conciliar em suas páginas duas grandes escolas oponentes: “a dos metrificadores do ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra”.³

O primeiro passo para a reabilitação do autor – tantas vezes reduzido ao cómodo rótulo do Parnasianismo francês – teria de passar assim, antes de mais, por uma edição crítica das suas obras completas, que viesse reunir os textos (com a respetiva documentação epitextual) e disponibilizá-los à comunidade académica,

¹ WEST, 1973, p. 61: “Is your edition really necessary? That is the first question. [...] If it is not a question of filling some [...] gap, a new edition can only be justified if it represents a marked advance on its predecessors in some respect”.

² Antes do nosso trabalho (PEREIRA, 2012a), o espólio do autor havia sido apenas pontualmente aproveitado por Maria Amália Ortiz da Fonseca (FONSECA, 1963), António Ferreira de Brito (BRITO, 1987) e Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos (SANTOS, 1998a).

³ Penha apud PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 774. Ao longo deste trabalho, a convocação dos textos penhianos far-se-á sempre através da edição crítica que apresentámos, sob a forma de tese de doutoramento, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

preparando as condições necessárias para que, no futuro, a crítica pudesse empreender uma grande revisão analítica da poesia penhiana, com o consequente impacto no panorama finissecular alargado.

Assim o justificámos em 2007, quando concorremos a uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e o mesmo entendeu também o júri, destacando, na ficha de avaliação, o mérito do programa de trabalhos, por vir colmatar “as nossas lacunas a nível de edições críticas, além de repor em análise e valoração um autor com importância histórico-cultural” e de apresentar “potencial de novas luzes sobre a movência estilístico-periodológica entre os séculos XIX e XX”.⁴

Efetivamente, o projeto compreendia dois grandes objetivos: antes de mais (e principalmente), resgatar, reunir e dar a ler, em edição crítica, as obras completas de João Penha; e por outro, proceder a uma leitura crítica, enquadrando-a na complexidade de doutrinas e códigos estéticos que atravessaram as últimas décadas do século XIX e os primeiros decénios do séc. XX em Portugal.

A primeira etapa do projeto passou assim pelo inventário global dos textos atribuídos ao escritor, procedendo-se para isso à pesquisa das fontes testemunhais de cada texto. Esta demorada investigação, pelas principais bibliotecas públicas (e também privadas), traduziu-se na recolha de materiais diversos, que agrupámos em duas grandes categorias: os impressos e os manuscritos.

No primeiro grupo incluíam-se, naturalmente, os sete livros de João Penha (poesia e prosa) que vieram a lume, os seis prefácios incluídos em obras de outros autores, bem como as colaborações dispersas por várias antologias de poesia e mais de cento e trinta periódicos, homenagens, números comemorativos, iniciativas de solidariedade e mobilização cívica, folhetos anónimos, etc. Sendo este o impressionante volume de publicações que conseguimos localizar, durante a fase de prospeção documental, teremos, ainda assim, de ter presente que tal não deverá corresponder à totalidade das fontes impressas originalmente existentes para a obra penhiana, já que não nos foi possível recolher alguns periódicos entretanto perecidos na voragem do tempo (e dos que lográmos recuperar nas coleções

⁴ Dos cinco anos e meio de dedicação exclusiva ao projeto, quatro foram financiados por esta Bolsa de Investigação (SFRH / BD / 41413 / 2007), atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com financiamento do POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e pelo Ministério da Educação e Ciência.

incompletas dos nossos acervos públicos, nem sempre constam todos os exemplares).

No fundo, seria ingênuo pensar que algum dia chegaríamos a uma recensão fechada, pelo que é prudente partir do princípio óbvio de que outros testemunhos existiriam e podem vir ainda a aparecer. Trata-se portanto de uma edição que pretende ser de obras completas, mas com uma recensão necessariamente aberta. Esta evidência é tanto mais óbvia, se pensarmos que, às fontes impressas juntam-se ainda os manuscritos, que por sua vez não se resumem ao material conservado no espólio do poeta, embora aí se concentrasse o núcleo duro da pesquisa. Na verdade, entre os cerca de 4000 documentos que encontramos à guarda do Arquivo Distrital de Braga (ADB), contam-se os originais manuscritos das obras já publicadas, bem como numerosos poemas inéditos⁵ e um extenso epistolário, contendo a correspondência recebida pelo autor.

Todavia, as cartas que foram escritas por João Penha encontravam-se, naturalmente, não no epistolário do poeta, mas nos espólios das personalidades com quem manteve relações próximas; entre os quais se contam o de Joaquim de Araújo (guardado na Biblioteca Nacional Marciana de Veneza – BNMV), Conde de Arnoso (na Biblioteca Nacional de Portugal – BNP), Eugénio de Castro (na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – BGUC), Teixeira de Queirós (no Museu João de Deus – MJD), Bernardino Machado (na Fundação Mário Soares – FMS), Alberto de Madureira (no Arquivo Distrital de Braga – ADB), Antero de Figueiredo (na Biblioteca Pública Municipal do Porto – BPMP) e outros acervos de colecionadores, onde se guardam também alguns documentos autógrafos, que foram sendo partilhados com os amigos.⁶

Não será aliás de estranhar que alguns dos manuscritos mais importantes de João Penha apareçam justamente dispersos nestes espólios secundários, se pensarmos na forma despojada como o autor via tanto os seus próprios documentos, como o material remetido por outras individualidades.⁷ Assim, por exemplo, pudemos encontrar na BPMP vários inéditos oferecidos a Antero de

⁵ No ADB, encontra-se depositado um conjunto de dez cadernos pautados, onde Penha registou, à medida que ia compondo, grande parte das suas poesias (tanto as inédias, como as que se encaminharam depois para o prelo): ADB, Ms. 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544 e 545.

⁶ É o caso das coleções de Serpa e Alberto Correia, adquiridas pela BPMP.

⁷ Vários amigos e colecionadores escreviam a João Penha, pedindo-lhe autógrafos, e depreende-se que o poeta acedia a muitos desses pedidos. Vd. PEREIRA, 2012a, vol. I, p. 176-177.

Figueiredo, bem como o autógrafo das *Rimas*,⁸ um *Prontuário* e um curioso *Livro de notas*,⁹ que são hoje documentos preciosos para compreendermos muito do trabalho oficial deste artífice da palavra.

Perante tão extensa e variada matéria documental, vimo-nos, todavia, enquanto editora, confrontada com dois grandes desafios: a delimitação do objeto e o modelo da nossa edição.

1. A DELIMITAÇÃO DO OBJETO

O primeiro problema passou por delimitar o objeto da edição. No caso de uma obra completa, quando se atingem grandes proporções, a restrição impõe-se, desde logo, por questões de exequibilidade, mas independentemente disso até, o certo é que nem tudo o que um autor escreveu se reveste da mesma importância literária. Os textos que João Penha produziu no exercício da sua atividade profissional,¹⁰ por exemplo, dificilmente encontrariam lugar numa coletânea da sua obra literária, mesmo que aí se surpreendam traços estilísticos comuns. No entanto, mais do que os escritos produzidos no exercício das suas competências profissionais, impunha-se refletir sobre a legitimidade de acolher, numa edição das obras completas, todos as composições de natureza ou intenção literária. É o caso, muito concretamente, de alguns textos avulsos que encontramos na imprensa, por apresentarem graus de literariedade variável, e ainda as composições privadas ou semiprivadas, que tiveram de ser objeto de uma cuidada ponderação, em termos da legitimidade que nos assistia para trazê-los ao domínio público.

Um trabalho desta natureza acaba pois necessariamente condicionado pela própria delimitação do conceito teórico de Obra,¹¹ mas também por uma série de inquietações ético-legais, especialmente pertinentes no caso dos escritos privados

⁸ Trata-se de um caderno, aí guardado com a cota BPMP, Ms. 2012.

⁹ Referimo-nos a dois cadernos identificados com as cotas BPMP, Ms. 2008-2010 e 2011.

¹⁰ João Penha era um advogado conceituado, com várias publicações nessa área. A este propósito, vd. PEREIRA, 2012a, vol. I, p. 168 e 245-246.

¹¹ A pergunta que Michel Foucault formulou na conferência de 1969 continua ainda hoje atual: “Como definir uma obra, entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte? [...] A teoria da obra não existe, e os que ingenuamente empreendem a edição de obras completas sentem a falta dessa teoria” (Foucault, 2000, p. 38-39).

que se guardam nos espólios consultados: do direito à privacidade aos direitos de autor.¹²

Neste caso em concreto, a decisão passou por incluir: os poemas publicados em livro, as poesias esparsas, os poemas inéditos (incluindo epigramas semiprivados que foram divulgados fora da supervisão do autor), as prosas publicadas em livro, as prosas esparsas (incluindo prefácios em livros de outros autores e colaborações várias na imprensa periódica) e ainda um anexo final, onde reproduzimos os editoriais e expedientes das publicações dirigidas pelo autor, cujo interesse documental procurámos acautelar.

A decisão de incluir todos esses textos numa edição das obras completas de João Penha prendeu-se, antes de mais, com a própria natureza compósita dos livros publicados pelo autor, onde já encontrávamos uma série de textos circunstanciais, produzidos como ritual de socialização, e que, apresentando um valor literário também relativo, conviviam lado a lado com outras criações maiores. É o caso, por exemplo, de todas as quadras intituladas “No leque”, “Num bilhete postal”, “Para um album”, “Num dia de anos”, ou ainda os “Epitáfios” em verso, que abundam nos seus últimos livros e ficaram agora enriquecidos por uma série de poemas análogos, que se encontravam inéditos.¹³

Excluídas ficaram apenas algumas composições semiprivadas de autoria duvidosa,¹⁴ a correspondência do poeta¹⁵ e ainda dois testemunhos que saíram na imprensa periódica, sob a forma de inquéritos ou respostas a questionários.¹⁶ Deste modo, procurámos entrar em sintonia com algumas edições emblemáticas de obras

¹² Entre as disposições legais que em Portugal regem a publicação de uma obra completa, contam-se o Artigo 8.º da Convenção Europeia dos Direitos Humanos, a Convenção de Berna (de 1886), o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (Decreto-Lei n.º 63/85) ou ainda as diretivas europeias no âmbito da proteção dos direitos de autor. Embora, no nosso caso, já tivessem expirado, estas traduzem-se não apenas em prerrogativas económicas (inerentes à reprodução dos textos), mas também em direitos morais (entre os quais se contam o respeito pela vontade do autor), que se podem prolongar por um período de setenta anos, após a morte do escritor.

¹³ Ao editar estes textos circunstanciais em verso, tivemos de incluir também os depoimentos em prosa que o autor publicou em várias homenagens a escritores e outras personalidades – vd. PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, secção 2.2..

¹⁴ Trata-se de algumas composições que encontrámos vagamente atribuídas a João Penha, sem contudo podermos comprovar a sua autoria – vd. PEREIRA, 2012a, vol. I, p. 172.

¹⁵ Apesar de não termos incluído a epistolografia no grupo dos textos editados, transcrevemos vários espécimes do epitexto privado de João Penha, no Aparato Crítico. Sobre o uso destes materiais, enquanto auxiliar de arquivo, vd. PEREIRA, 2012c.

¹⁶ Referimo-nos a PENHA, 1919, p. 242; SAMPAIO, 1907. Neste último caso, embora excluindo-a do inventário dos textos editados, recuperamos a entrevista no “Arquivo documental” do texto editado com o n.º 333 (vol. II, t. II), pois Albino Forjaz de Sampaio acabou depois publicando integralmente a resposta de João Penha, no prefácio ao livro póstumo *O Canto do Cysne*.

completas,¹⁷ disponibilizando uma perspectiva mais ampla da obra do autor, que a tradição crítica de herança estruturalista nos habituou a considerar como um sistema, capaz de acompanhar o desenvolvimento de práticas que, ao longo de um trajeto literário, vão sendo sujeitas a processos de experimentação e variação.¹⁸ Daí que diferenças de tom ou qualidade entre os vários textos disponíveis acabem secundarizadas em prol de uma visão de conjunto.

São precisamente estas algumas das reflexões de fundo que desenvolvemos na Parte Segunda do vol. I da nossa tese, e que se traduziram depois num inventário final de 835 textos a editar, que decidimos arrumar em três volumes: respetivamente, 530 poemas em livro (no vol. II), 187 poemas esparsos e inéditos (no vol. III) e 118 textos em prosa (no vol. IV).

2. O MODELO DE EDIÇÃO

A outra implicação levantada pela variedade do material disponível prendeu-se com a necessidade de conceber um modelo de edição adequado e capaz de explorar convenientemente o potencial apresentado pelos documentos recolhidos.

Depois de ponderar os vários paradigmas da crítica textual, acabámos optando por um modelo de edição simultaneamente crítico e genético, próximo da tradição italiana:

a designação ‘crítico-genética’ propõe-se com efeito não apenas editar criticamente e restituir à sua autenticidade o texto considerado definitivo, mas acompanhá-lo também por todas as modificações que sofreu no curso da sua elaboração, quer as registadas nos manuscritos quer as impressas nas sucessivas edições revistas pelo autor (ou só nestas, quando os manuscritos desapareceram) [...] e que podem apresentar] estádios textuais nem sempre documentáveis pelos testemunhos genéticos (Tavani, 2007, p. 8-9).

¹⁷ Lembrem-se apenas, a título exemplificativo, as obras completas de Rimbaud (1991, 1999) – que, ao longo dos anos, foram sendo progressivamente alargadas ao conjunto global dos seus escritos, incluindo a poesia, a prosa e a correspondência do autor, além de uma série de documentos semiprivados e até mesmo exercícios escolares da adolescência, que Arthur havia produzido enquanto aluno do Collège de Carleville. No caso português, lembrem-se apenas as *Obras de Guerra Junqueiro* (1974), que apresentam um apêndice de “Versos satíricos e jocosos”, onde se inclui o duelo travado com Penha nas paredes da taberna do Homem do Gás.

¹⁸ Significativo será que Foucault, autor determinante para a Teoria da Obra, apresente uma definição de sistema (“par système, il faut entendre un ensemble de relations qui se maintiennent, se transforment, indépendamment des choses qu’elles relient” – FOUCAULT, 1994, i, 514) que se revela tão próxima de teóricos estruturalistas, como SAUSSURE (1997, p. 159) ou LÉVI-STRAUSS (1958, p. 306).

Tinha este modelo a vantagem de responder a dois desafios particularmente relevantes no conjunto da obra de João Penha. Por um lado, o modelo crítico-genético permitia corrigir corruptelas e “averiguar se e até que ponto a vontade última do autor obteve efetivamente, no curso dos preliminares editoriais e na fase de execução tipográfica, todo o respeito que merece e exige” (TAVANI, 2007, p. 5-6) – questão particularmente relevante nos textos em que havia intervindo uma “genética em diálogo” ou “em colaboração” (DIAZ, 1999, p. 14), e ainda, de modo especial, nos últimos livros do poeta, publicados a título póstumo. Por outro ainda, a edição crítico-genética permitia confrontar as várias versões autorais de cada texto, analisando a evolução do processo compositivo, não só através das lições documentadas nos manuscritos, mas também das versões pré-definitivas que Penha ia sucessivamente publicando na imprensa periódica, antes de compilar os textos em livro, e que surgem também como caminhos abandonados na busca pelo aperfeiçoamento da escrita.

Encontrado enfim, nas suas linhas orientadoras, o conceito de edição que mais se adequava às obras do autor, impôs-se depois o estabelecimento do modelo propriamente dito, que embora inspirado no trabalho desenvolvido na Universidade de Lisboa, pelo Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa,¹⁹ correspondia todavia a uma solução parcialmente original.

Na essência, o que procurámos foi uma abordagem suficientemente flexível, para dotar vários públicos de níveis de leitura diferenciados, desde o mais elementar (que compreende apenas o texto crítico e a anotação explicativa de pé de página, no tomo I de cada volume), até ao mais especializado (que é depois remetido para o aparato, no respetivo tomo II). Aí apresentamos a recensão, descrição física e caracterização dos testemunhos para cada carne, seguindo-se a anotação textual (onde constam as emendas introduzidas pelo editor) e o aparato genético (que reconstrói os vários estádios do processo compositivo). No caso dos epigramas semiprivados (que aparecem no vol. III), no entanto, o aparato genético foi substituído pelo aparato das variantes, que vem responder à especificidade da transmissão desses textos. Por fim, o “arquivo documental” surge como um espaço

¹⁹ Trabalho de referência a vários títulos, este modelo foi estabelecido pela equipa liderada por Ivo Castro, que se vem ocupando da edição crítica das obras pessoanas, publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda. A este propósito, vd. CASTRO, 1990.

privilegiado para sistematizar informações adicionais e transcrever outros documentos com interesse para a história da projeção, composição, transmissão ou receção do texto, particularmente aqueles que, pela raridade ou fragilidade dos suportes, corriam maior risco de perecer, como acontece no caso da correspondência e dos exemplares raros da imprensa periódica.

Tratou-se, em suma, de um modelo englobante de edição, que acabou integrando em si mesmo alguns dos objetivos subsequentes do projeto, sobretudo o enquadramento de João Penha e da sua obra no contexto finissecular. Isto porque a documentação transcrita nos vários “arquivos documentais” permite, desde logo, auscultar as relações mantidas com tantos – e notáveis – dos seus contemporâneos, nomeadamente no âmbito das polémicas literárias.²⁰ Entre estas, destaca-se aliás o antagonismo do autor em relação à norma ortográfica de 1911, que naturalmente foi tido em conta no estabelecimento dos próprios critérios de transcrição, dando também origem a um breve estudo, no final do vol. I.

Foi pois este trabalho de recolha, edição, anotação e integração documental que ocupou nada menos do que cinco anos do projeto. Os meses que se seguiram foram dedicados à parte primeira do volume I, dedicada ao estudo dos textos agora editados, e que por isso tem de ser visto necessariamente como complemento ao projeto central da edição.

3. O ESTUDO

O capítulo inicial do estudo que acompanha a nossa edição crítica é dedicado à biografia de João Penha, tendo por objetivo compilar informações dispersas e apresentar novos elementos documentais. Longe de constituir um mero *topos* retórico da *dispositio* habitual nos trabalhos deste género (até porque são conhecidas também as reservas que essa abordagem continua a merecer junto de uma crítica de matriz imanente²¹), o capítulo acabou por impor-se de forma pacífica.

²⁰ Vd. polémicas travadas com João de Barros (PEREIRA, 2012a, vol. III, n.ºs 684-685) e Delfim de Brito Guimarães (PEREIRA, 2012a, vol. III, n.ºs 672-681), bem como a enérgica *questão ortográfica* (PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 735). A este último respeito, veja-se também PEREIRA, 2012b.

²¹ Se durante o séc. XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, a predominância dos ideais românticos do Génio ditou a absoluta consagração do escritor e de tudo o que dissesse respeito à sua vida pessoal, o surgimento das teorias imanentes (do Formalismo ao *New Criticism*) resultou na total desvalorização da biografia, culminando, em 1968, com a proclamação da morte do autor, por Roland Barthes.

Isto porque a vida do poeta estava envolta nalgumas zonas de sombra, que era importante esclarecer, particularmente no que diz respeito ao seu trajeto académico e aos anos passados em Coimbra,²² quando Penha se afirmou como figura incontornável da boémia estudantil e um agente dinamizador no mundo das letras.

Seguiu-se depois um breve ensaio sobre a obra editada, começando necessariamente por essa vertente ligada ao papel dinamizador dos periódicos literários que o autor dirigiu, entre finais dos anos 60 e meados da década de 70: *A Folha* (1868-1873) e *A Republica das Letras* (1875); duas importantes revistas que, ao fundarem o seu projeto num genuíno ecletismo, se assumiram como espaços de diálogo entre as mais variadas tendências existentes na altura, contribuindo também para a formação de novos talentos literários.

No último capítulo do estudo, analisámos mais detalhadamente a obra de João Penha, identificando-o como um autor que, embora estivesse até certo ponto em sintonia com o que ia acontecendo no estrangeiro, sempre se mostrou cioso da sua própria independência, inscrevendo-se com singularidade na complexa amálgama de códigos estéticos que caracterizaram a literatura portuguesa das últimas décadas do séc. XIX e dos primeiros anos da centúria seguinte.

Assim, por um lado, procurámos identificar, nas obras editadas, algumas características ou manifestações suscetíveis de serem aproximadas a várias correntes estéticas: Neoclassicismo, Romantismo, Ultrarromantismo, Realismo, Parnasianismo, Decadentismo-Simbolismo e Neorromantismo. Por outro, foi nossa preocupação destacar a *originalidade* de João Penha, que nunca se deixou impressionar pelas tendências literárias emergentes, então apresentadas como grandes novidades em rutura com esteticismos anteriores. O que sobressai neste autor é antes uma lúcida perceção de recorrência histórica (entre a continuidade e a rutura) e a nítida consciência de que a novidade surge a partir da reconfiguração do nosso legado histórico, que é inevitavelmente cíclico.²³

²² Vd. PEREIRA, 2012a, vol. I, max. p. 32-51.

²³ Mesmo no tempo d' *A Folha* (quando se empenhara em desconstruir o lirismo excessivamente lamuriento do Ultrarromantismo), João Penha tinha plena consciência de que se inscrevia numa longa tradição paródica – que sempre sucedeu a outros momentos da história literária, igualmente pontuados pela exaustão das estéticas idealizantes. É aliás significativo que datem dessa altura algumas traduções que o poeta empreendeu de autores barrocos, como Lope de Vega – PEREIRA, 2012a, vol. II, t. I, n.º 59 e 73.

Isso mesmo defendia o poeta quando, por exemplo, faz remontar a Quintiliano a premissa neorromântica de que a poesia deveria comover e transmitir sensações;²⁴ ou ainda quando filia em Horácio as ideias simbolistas em defesa da natureza musical e do poder sugestivo da poesia, enquanto revelação harmoniosa do pensamento.²⁵ De resto, ao dissertar sobre “Os Parnasianos”, Penha defende mesmo que este movimento nada viera acrescentar de essencial ao “elemento poético, [...] a não ser a exclusão de alguns dos velhos assumptos convencionaes” (PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 38-40), e ao discorrer sobre “Os Visionários”, chega a afirmar que nem o Simbolismo, nem o Romantismo foram invenções do séc. XIX, na medida em que remetem para valores estéticos que estão latentes desde a Antiguidade.²⁶ No seu entender portanto, as novas roupagens cíclicas que se vão manifestando na modernidade literária prendem-se apenas com elementos secundários, cabendo ao autor conjugar a herança de modo *original* – até no sentido etimológico de regresso à *origem*, que a todo o momento se reinventa em novas roupagens.²⁷

Por isso, fez questão de trilhar o seu próprio caminho, manifestando uma indisfarçada relutância por dogmatismos de escola e incentivando o diálogo entre as várias propostas estéticas existentes em Portugal, na viragem do século XIX para o séc. XX. Também por aí, as obras que a nossa tese reuniu e editou pela primeira vez assumem grande interesse, não só para o estudo deste autor em concreto, mas também para a compreensão mais ampla da literatura portuguesa finissecular.

Muito mais poderia ter sido feito, ou concretizado ainda de modo diferente, mas foi este trabalho, desenvolvido ao longo de três mil e trezentas páginas, em sete tomos, que nos foi possível preparar, durante os cinco anos do nosso doutoramento.

²⁴ Vd. PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 740, p. 233

²⁵ Vd. PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 721, p. 49. Sintomaticamente, Penha reconhece essa mesma natureza musical do verso, em obras de autores românticos, como Hugo, Musset ou Lamartine.

²⁶ Vd. PEREIRA, 2012a, vol. IV, t. I, n.º 731.

²⁷ A este propósito, cf. SANTOS, 1998b, p. 199 “a palavra modernidade [...] parece desaguar no paradoxo de desmentir, pela recorrência histórica, a pretensão que afirma, ou seja, e segundo Hans Robert Jauss, a ideia de que o nosso tempo se vai configurando pela diferença, pela novidade carregada em relação ao passado. Movimento irresistível e perpétuo de cariz cíclico, análogo não raro ao volver das estações e ritmos sazonais [...], a modernidade (efémera e transitória) cedo se transmuta em antiguidade, que, por seu turno pode ressurgir em modernidade, ou, então permanecer diluvianamente soterrada pelo aluvião histórico em devir”.

Todas as edições são produtos históricos e todas as teses de doutoramento são-no também, e por isso é natural que esse trabalho, realizado dentro de alguns anos, pela mesma pessoa ou por outra, pudesse resultar nalgo bastante diferente. Não podemos, portanto, apresentá-lo como algo categórico – até porque não existem edições definitivas. Esperamos apenas que, em vez de um ponto de chegada, constitua efetivamente um ponto de partida para a reabilitação do nosso autor. Só assim poderá concretizar-se o “grande serviço às letras pátrias” de que falava Cristóvão Aires, quando reclamava para João Penha um monumento semelhante ao erigido por Horácio – *aere perennius*:²⁸

O grande serviço a prestar ás lettras patrias é a publicação em volume da sua obra tão dispersa. [...] Essa compilação representaria uma obra patriótica, [...] pagando assim ás lettras patrias uma divida sagrada; seria erguer em homenagem ao auctor um monumento muito mais perduravel que os que se cinzelem no marmore ou se fundem no bronze (AYRES, 1902, p. 12).

Abstract: This article briefly presents our PhD thesis in Romance Literatures and Cultures, defended in may 2013, at the Faculty of Arts, University of Porto (Portugal). By going through thousands of documents of different types, we were able to edit the complete works of João Penha (1839-1919), who was at the helm of Portuguese literature at the end of the 19th century. Based on a genetic critical approach, our edition aimed to integrate several levels of documentation, providing raw material to contextualize the author’s creation, thus enriching the wider context of the time.

Keywords: Genetic. Critical. Edition. Portuguese. Literature.

²⁸ Na “Ode ad Melpomenen” (III, 30) Horácio dizia ter erigido um monumento de palavras mais durável que o próprio bronze, garantindo-lhe a imortalidade (HORACIO FLACCO, 1853, p. 162-163).
Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 – Ano III – 10/2014
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM – QUALIS/CAPES – LATINDEX – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes

REFERÊNCIAS

AYRES, Christovam. João Penha. **A chronica: revista ilustrada e litteraria**. Lisboa, n.º 63-64, p. 12, 1902.

BRITO, Ferreira. Três Cartas inéditas de Bulhão Pato a João Penha. **Confluência**. Penafiel, n.º 3, p. 47-54, 1987.

CARVALHO, Amorim de (Ed.). **Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)**. 2. ed. Porto: Lello & Irmão Editores, 1974.

CASTRO, Ivo. **Editar Pessoa**. Lisboa: IN-CM, 1990.

DIAZ, José-Luis. Quelle génétique pour les correspondances?. **Genesis: revue internationale de critique génétique**. Paris, n.º 13, 1999.

FONSECA, Maria Amália Ortiz da. **Introdução ao estudo de João Penha**. Lisboa: Portugália, 1963.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Paris: François Ewalt, 1994.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. Trad. António Cascais, Eduardo Cordeiro. 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

HORACIO FLACCO, Q.. **Odes**. Trad. José Augusto Cabral de Mello. Angra do Heroísmo: [s.n.], 1853.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie structurale**. Paris: Plon, 1958.

PENHA, João. Inquérito. **Ilustração portuguesa**. n.º 710, p. 242, 1919.

PEREIRA, Elsa Maria Gomes da Silva. **Obras de João Penha: edição crítica e estudo**. 4 vols. em 7 tt.. Porto: FLUP, 2012a. Tese de doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PEREIRA, Elsa. A perspectiva do desastre: João Penha e a questão ortográfica (implicações editoriais). In: PETROV, Petar; SOUSA, Pedro Quintino de; SAMARTIM, Roberto López-Iglésias; FEIJÓ, Elias Torres (Ed.). **Avanços em ciências da linguagem**. Santiago de Compostela – Faro: Através Editora – Associação Internacional de Lusitanistas, 2012b. p. 65-76.

PEREIRA, Elsa. Epistolários e preservação da memória: a correspondência de João Penha. **CEM: Cultura, Espaço & Memória**, Porto, n. 2, p. 171-181. 2012c. <<http://hdl.handle.net/10216/63946>>

RIMBAUD. **Oeuvres complètes: poésie, prose et correspondance**. Ed. Pierre Brunel. Paris: LGF, 1999.

RIMBAUD. **Oeuvre-vie**. Ed. Alain Borer, Andrée Montègre. Arles: Arléa, 1991.

SAMPAIO, Albino Forjaz de. Como trabalham os nossos escriptores. **Serões: revista mensal ilustrada**. Lisboa, vol. IV, n.º 19, p. 36-53, 1907.

SANTOS, Maria do Rosário Girão Ribeiro dos. Homenagem a João Penha (No centenário da sua obra *Viagem por Terra ao País dos Sonhos*) 1898/1998. **Forum**. Braga, n.º 23, p. 67-97, 1998a.

SANTOS, Maria do Rosário Girão Ribeiro dos. A sátira em Guerra Junqueiro: do inconformismo à resignação. In: SAMUEL, Paulo (Org.) – **Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade**. Porto: Universidade Católica Portuguesa & Lello Editores, 1998b. p. 199-210.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Éditions Payo & Rivages, 1997.

TAVANI, Giuseppe. Introdução à leitura de uma edição crítico genética. In: BOCHICCHIO, Maria. **O paradigma do pudor: edição crítico-genética de ‘A chaga do lado’ de José Régio**. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2007. p. 5-10.

WEST, M. L. **Textual criticism and editorial technique**. Stuttgart: B. G. Teubner, 1973.

Texto científico recebido em: 21/08/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.